

TROPISMO FOTOGRAFICO

SUSANA LOURENÇO MARQUES (ed.)

#2

2020/21

AVISO/PAUSA
SUSANA LOURENÇO
MARQUES

LONGE
DA VISTA
INÊS MOREIRA

AVISO/PAUSA

SUSANA LOURENÇO MARQUES

Tropismo fotográfico é uma residência artística, realizada no âmbito da Bienal de Fotografia do Porto, que se centra nas possibilidades de renovação do espaço que a acolhe, a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, revisitando a sua história e propondo um olhar crítico, particularmente distanciado, sobre as reconfigurações e proximidades deste espaço de ensino e criação. Na sequência da residência realizada em 2019, nesta segunda edição, retoma-se o tema originalmente proposto em torno da aquisição de um terreno contíguo à faculdade para ampliação das suas instalações. Os edifícios abandonados que nessa altura o ocupavam — nomeadamente uma fábrica, um palacete e uma ilha — deram lugar, nos últimos dois anos, a outras ocupações e programas, funcionando como estaleiro de apoio à obra de reabilitação do Pavilhão de Escultura e Pintura, como oficinas de barros e gessos no interior do palacete, expandidas por atelieres em contentores dispostos no jardim.

Com a pandemia COVID 19, a noção de adaptação e transição proposta como tema de reflexão pela Bienal de Fotografia do Porto, assumiu uma dimensão inesperada e, neste período de seis meses em que a residência decorreu, muito se modificou dentro e fora da faculdade. Não se tratou apenas de pensar este espaço específico em transição, mas o modo como tudo nele passou a ser desligado da sua função e transferido para um imaterializado formato de ensino à distância. A obra continuou, mas as pausas e os recomeços, o acesso condicionado, as orientações gráficas para sentidos únicos e distâncias forçadas, implicaram uma alteração nos modos de fazer e produzir estas imagens, tanto pelo imperativo da resistência como, por vezes, pela efectiva impossibilidade de as concretizar.

Nesse sentido, foi igualmente importante dilatar o argumento da residência ao projecto de investigação Ecologia da Imagem, em curso no I2ADS, que tem como um dos eixos centrais a pesquisa de processos biodegradáveis para revelação de película e papel fotográfico. Com

o intuito de reduzir a utilização de química tóxica presente nos métodos comumente utilizados nos laboratórios de fotografia, foram recuperados processos fotográficos primitivos bem como implementadas fórmulas fotográficas biodegradáveis como o caffenol e o caffenol-c, introduzido em 1995 por Scott Williams¹, na criação dos projectos desenvolvidos na residência.

Quando em 1979, no seu conhecido ensaio *On Photography*, Susan Sontag usou a expressão *ecologia da imagem*, enunciando uma necessária reflexão sobre as implicações éticas e políticas do fazer das imagens, apontava para a desassociação entre o consumo/desperdício e a criação/produção das imagens técnicas e dos seus efeitos no meio ambiente. É por isso que, no atual contexto de urgência para a adopção de práticas sustentáveis, nos importou olhar para a mutação dos processos de produção e reutilização de materiais e equipamentos ligados ao aparato fotográfico, de modo a contrariar a habitual tendência de irreversibilidade da evolução tecnológica e fazê-lo a partir do lugar que deve preconizar esse debate.

Nesta edição, a selecção dos participantes foi realizada por intermédio de um concurso para uma bolsa de criação e contou com a participação de Mariana Fogaça, Rita Almeida Leite e o coletivo Lab.25, composto por Álvaro Oliveira, Miguel Teodoro, Rodrigo Machado e Rui Mota.²

O colectivo Lab 25, formou-se em 2019 como um laboratório dinâmico de experimentação artística reclamando o seu nome do n.º 25 da antiga rua da Palma, onde se situa o próprio espaço que dá mote a esta residência. Desenvolvendo um projecto de arqueologia urbana que se expôs em *Morar/Murar* (2019) e *Promenade* (2020), ensaiam agora, na série *Apparatus* (2021), a composição de imagens *follies* que assimilam a performatividade do acto fotográfico com o encontro de objectos disfuncionais e dispersos. São imagens de obras em obra que privilegiam a indistinção entre activação e criação e desafiam noções de autoria e reconhecimento artístico.



Acumuladas nos escombros de um provisório estaleiro a encenação destas *follies*, que nos remetem para o universo dos jardins pitorescos, são como que submetidas ao ritual dos protocolos de catalogação, num jogo de conservação crítica de *objets trouvés* a inscrever no acervo museológico da faculdade em tempos de deslocação e ampliação do seu património.

Na sequência da investigação visual que Mariana Fogaça realiza sobre a interdependência entre sistemas naturais e humanos, este projecto assume um olhar privado sobre as estórias do jardim da família Narciso e Azevedo, na transição entre o seu estado selvagem e por isso romantizado, interrompido no final de 2019, e as vivências e construções temporárias que se sucederam. Em *(re)velar*, inscreve-se esse momento de excepção, de encontro com o lugar simultaneamente ocupado e desocupado, da cedência do orgânico ao estranho mas também, do que é estranho e resistente ao próprio espaço.

A assombrosa araucária, originária do Brasil, que se alonga pelo lado oriental do jardim, torna-se o elemento de maior persistência, quer pela metáfora da migração que a envolve, quer pela adaptação da sua biologia às estações invertidas que lhe moldam as formas e os movimentos. A indefinição das imagens, reveladas com

processos fotográficos orgânicos, conduzem essa metáfora para a sua superfície instável, como uma velatura dessas mutações.

Esta relação com o espaço do jardim prolonga-se na série *O vazio do branco* de Rita Leite, como uma imagem decalque do inventário de plantas que foi recolhendo no decorrer da residência e que se fixam sob a forma de quimigramas, imagens químicas que gravam e sublimam as imperfeições da natureza.

O livro, apresenta-se como uma placa ultrasensível, na qual as plantas perdem o nome, a configuração, a cor ou o aroma para se converterem numa compilação de enigmas da natureza — *magia naturalis* e, ao invés de definirem um percurso ou de nos confiarem os detalhes da sua morfologia, como nos herbários clássicos, mostram a sua apetência para a mutação e imensidão das suas formas e para a memória construída das presenças etéreas que preenchem o jardim.

A selecção de imagens que de seguida se publicam, pontuam documentalmente o período entre ambas as residências, desde o dia 4 Março de 2020, quando a torre do jardim da Casa de S. Lázaro foi demolida e a quinze dias de ser decretado o primeiro confinamento, até ao dia 18 de Junho de 2021, o último dia de ocupação dos contentores instalados temporariamente no jardim.

¹ Williams S., 1995. «That last cup of coffee: photographic developers of last resort for the weary, the bleary, and the unrested», in *Darkroom & Creative Camera Techniques*, 1995, 16(5): p. 35–37.

² Inicialmente previsto como uma exposição, o formato de apresentação dos projectos foi reajustado para a criação deste livro, do qual foi realizada uma edição normal de 70 exemplares e uma edição especial de 30 exemplares com uma fotografia 18 × 23 cm dos vários autores.



1

- 1. Patricia Almeida
- 2. João Lima
- 3. Colectivo Lab25
- 4. Susana Lourenço Marques



2



4



3



LONGE DA VISTA — O REALISMO DESILUDIDO E A EMPREITADA DE VER

INÊS MOREIRA

Nada de mau se perdeu,
Nada de bom foi em vão,
Uma luz ilumina tudo,
Mas deve haver mais.

Arseny Tarkovski

Escrevo em registo de crónica, como para um jornal impresso dos antigos. Cansados da pandemia causada pelo Sars-Cov 19, desde 2019 percebemos que, mais do que nunca, as certezas são transitórias e chegam embrulhadas em gráficos, especialistas, *fake news* e nos hypes das redes sociais. A própria percepção pessoal da realidade, além de subjectiva, é contingente.

A vida está em estado de excepção, período pouco propenso à especulação teórica, à fantasia, ou mesmo à imaginação. Se a ficção científica e os *future studies* adiantavam cenários extremos, oscilando entre aqueles escapistas de domínio e fuga tecnológica e/ou ecológica e os cenários apocalípticos de catástrofe tecnológica/ecológica, hoje vivemos aspectos simultâneos, entre o apocalipse e o escapismo.

Realismo desiludido é o modo como tenho designado este período já de cerca de ano e meio: operar eficazmente no presente, não alimentar ilusões, retraindo as projecções de futuro, enquanto se aguarda pela catarse dos novos loucos anos 20. E, estando as certezas em suspenso, torna-se difícil criar e projectar o novo, ou vislumbrar o definitivo. Ainda assim, as expedições fotográficas e novas obras avançam, criando cenários por entre a invisibilidade do analógico a que nos ditaram os zooms.

Na primavera de 2019, ano de grande optimismo e crescimento económico, a residência artística Tropismo Fotográfico convidou artistas a conhecer e interpretar os novos edifícios que cresceram ao recinto da Faculdade de Belas Artes — a fábrica dos Fogões Meireles, o palacete e as suas casas de ilha. Registava-se, ou revelava-se, o contexto específico desses lugares decadentes mas que são territórios novos enquanto espaço da Universidade.

Os olhares fotográficos expuseram fragmentos de lugares escondidos, a matéria, os vestígios, as sobreposições e estranhos *objects trouvés*, através das lentes de Diana Carvalho, João Lima, Miguel Refresco e Nicole Tsangaris, expostos no Museu da FBAUP, no Espaço Campanhã e publicados numa cuidada edição.

Os registos fotográficos propunham fixar o momento de transição deste passado industrial burguês para uma nova extensão do Campus FBAUP, enquanto se aguarda por novos planos para o recinto. O texto que escrevi na altura para a publicação da residência delineava um desejo de programa para o complexo dos Fogões Meireles:

“Na Fábrica-Ilha-Palacete há três tipos de edifícios claramente distintos que convidam a utilizações diferentes e que possam tirar pleno partido das estruturas e da espacialidade pré-existentes, com pequeno investimento. (...) A fábrica quer ser o lugar da produção e da criação. Os hangares desejam ser estúdios de criação contemporânea para estudantes de todos os níveis onde possam estar dispostos por projecto (e não por oficina, ou disciplina artística). A sua localização no centro do quarteirão permite que se torne no epicentro da produção da FBAUP (...). As casas individuais da classe operária convidam a entrar e a instalar espaços mais privados para o trabalho individual e para pequenas equipas. As casas podem albergar gabinetes de professores e, naquelas com maior dimensão, podem albergar gabinetes de investigação, para equipas. As casas que fazem fachada para a rua convidam a instalar residências para convidados estrangeiros (...). A casa apalaçada convida a instalar um local simbólico deste conjunto. Se no palacete da Avenida Rodrigues de Freitas estão os serviços de direcção, biblioteca, administrativos e auditório, este palacete (mais modesto) deseja abrir as portas à pesquisa e ao encontro entre estudantes e investigadores. No rés-do-chão, uma ampla sala de convívio com acesso ao jardim garante a hospitalidade. Nos pisos superiores, oferecem-se salas de aula para os cursos avançados, sejam Mestrados ou Doutoramentos. Também neste jardim existe um pequeno lago, com uma moeda podemos fazer um desejo. Plim!”



Inês Moreira

O globo deu quase duas voltas e o sítio mudou sem que fossemos vivendo as transformações específicas nos recintos da FBAUP — quase não há pessoas, o ambiente é fantasmagórico. Contam-se pelos dedos do corpo as vezes que teremos estado presentes pois as regras sanitárias para a pandemia (e a dimensão das turmas) ditou o ensino à distância e o afastamento do lugar, da formulação de desejos sobre ele, bem como das

projecções criativas que também os estudantes tinham. Das linhas entusiastas que escrevi com desejos para o recinto dos Fogões Meireles passaram quase dois anos. Entretanto, muito mudou, até a abertura para fantasiar.

Durante o primeiro confinamento de 2020 as obras de recuperação avançaram — houve excepções/tolerâncias à construção civil, que continuou a laborar quando o país se voltou para o teletrabalho. Aí começou a empreitada de recuperação do Pavilhão de Escultura e Pintura da FBAUP, demoliram-se muros e chegaram contentores móveis para temporariamente albergar as aulas, desapareceu a mítica Torre da Associação de Estudantes e os edifícios ficaram envoltos em redes, tapumes e andaimes.

A residência artística Tropismo Fotográfico é uma outra excepção que manteve a criação artística e os olhares sobre o lugar, agora estaleiro de obra de engenharia civil. É curiosa esta coexistência temporal, artistas e construtores agindo no mesmo terreno, com objectivos distintos e olhando em diferentes direcções. Se os construtores aproximam a sua obra do virtuosismo do modernismo e da pureza das formas originais, os artistas focam-se nos vestígios materiais do passado, Coletivo Lab25, nos processos de entropia e na vegetação selvagem que foi ocupando o jardim, Rita Leite e Mariana Fogaça.

Não tenho agora outros desejos ou projecções que não aqueles impressos em 2019, os Fogões Meireles vão desaparecendo. Se este tal realismo desiludido nos faz operar eficazmente no presente, sem alimentar ilusões ou projecções de futuro, mantenhamos as projecções anteriores, enquanto se aguarda pela catarse dos novos loucos anos 20.

E, neste período, criei mentalmente uma obra, uma alegoria artística, que partilho como contributo para a residência do Tropismo Fotográfico:

Longe da vista é o título da minha para-instalação artística de homenagem a todos os corpos ausentes, instalação acidental que consiste no depósito provisório de todas as obras de gesso (corpos, torsos, bustos, partes anatómicas, etc.) em racks industriais protegidas por grades e instalado ao longo dos corredores e átrios principais da faculdade. Dela não tenho fotografias, será preciso agir rápido para a documentar, antes que as obras avancem.

—
COLETIVO LAB.25
APPARATUS, 2021
Imagens analógicas (135mm e 120mm) capturadas nos antigos jardins do Palacete Narcizo d’Azevedo e estaleiros de obra a partir de ações performativas e encenações com objetos encontrados no espaço.

—
MARIANA FOGAÇA
(RE)VELAR, 2021
Imagens analógicas realizadas com películas 120mm expiradas e reveladas com Caffenol. Os erros de revelação de alguns negativos são incorporados por se entender que refletem a indefinição em que os jardins do Palacete Narcizo d’Azevedo se encontram.

—
RITA LEITE
O VAZIO DO BRANCO, 2021
As imagens foram reveladas, na sua maioria, com caffenol, química feita à base de café instantâneo e vitamina C. Os quimigramas foram realizadas com a flora que circunscreve os velhos e novos jardins da Faculdade de Belas Artes — como a celidónia, as chagas, o sabugueiro, a urtiga, a camélia, a azálea ou os fetos, pontuando-os geograficamente e definindo um caminho entre o lago em frente ao Pavilhão Carlos Ramos até ao muro da antiga rua da Palma.

COLETIVO LAB.25, iniciado em 2019, procura potenciar reflexão e discussão sobre a condição contemporânea da cidade, através da criação de situações expositivas e práticas espaciais conscientes do enquadramento e do território em que se inserem. O coletivo tem como centro especulativo e investigativo lugares que se configuram como intervalos na cidade, analisando a sua relação temporal e espacial com a envolvente. No seu percurso destacam-se as exposições individuais *Murar.Morar*, na Galeria do Primeiro Andar, FBAUP, Porto, 2019; *Promenade*, em INSTITUTO, Porto, 2020; e as exposições coletivas: *onde começa a liberdade*, Espaço Mira, Porto, 2021 e *Anuário '20*, Galeria Municipal do Porto, Porto, 2021.

INÊS MOREIRA é curadora, editora e investigadora em Pós-Doutoramento (IHA-FCSH/NOVA). Os seus projectos experimentam modos de investigação e criação na intersecção da Arquitectura, Arte, Tecnociências e Humanidades, posicionando-se no espectro das novíssimas Práticas Avançadas. Desde 2001 tem comissariado exposições, bienais, eventos culturais e criado cenografias em diversos locais na Europa. Membro fundador do European Forum for Advanced Practices. Professora convidada da FBAUP, onde lecciona Cultura Contemporânea e Estudos Curatoriais desde 2014. Doutora em Curatorial Knowledge (Goldsmiths College, University of London, 2014); Mestre em Arquitectura e Cultura Urbana (UPC/CCCB, Barcelona, 2003); Arquitecta (FAUP, Porto, 2001).

MARIANA FOGAÇA é mestre em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2020). Estudou Contemporary Fine Art Practice na Central Saint Martins, em Londres (2018) e Fotografia Documental no Institut D’Estudis Fotogràfics de Catalunya, em Barcelona (2005). Em São Paulo (2003), especializou-se em Fotografia Avançada pela Escola Panamericana de Arte e graduou-se em Comunicação Social pela ESPM. Recebeu Menção Honrosa em Retrato Fine Art nos reconhecidos prémios de fotografia PX3 (2018) e IPA (2015). Desde 2007, participa em diversas exposições coletivas e orgulha-se por suas obras integrem coleções particulares em mais de 10 países.

RITA LEITE é licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, vertente de Pintura. Realizou uma Pós-Graduação em Artes Plásticas na mesma instituição. O seu trabalho toma frequentemente forma a partir da Pintura, da Fotografia, da Gravura e da produção de livros. O seu objecto de interesse surge a partir do concreto e de estímulos do quotidiano — de uma atenta observação da luz, da natureza, e a partir da recolha de marcas ou vestígios que esses elementos revelam ou deixam na sua passagem. A sua pesquisa debruça-se sobre os desdobramentos da imagem e da memória, sobre a impressão e o indício, as dicotomias presença vs. ausência, visibilidade vs. invisibilidade.

SUSANA LOURENÇO MARQUES é professora auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Doutorada em Comunicação e Arte pela na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É membro integrado do i2ADS/FBA.UP. É autora dos livros *Lições de Hospitalidade* (2006), *Pó*, *Cinza e Nevoeiro*, *ensaio sobre a ausência* (Prisma, 2018) e *Ether/um laboratório de fotografia e história* (Dafne, 2018). Tem comissariado exposições de fotografia e é autora de vários artigos científicos, participando regularmente em conferências nacionais e internacionais. Cofundou em 2014 a editora Pierrot le Fou.

Editora
SUSANA LOURENÇO
MARQUES

Artistas residentes
ÁLVARO OLIVEIRA
MIGUEL TEODORO
MARIANA FOGAÇA
RITA LEITE
RODRIGO MACHADO
RUI MOTA

Tutores da residência
INÊS MOREIRA
LUÍS PINTO NUNES
JOÃO LIMA
JOSÉ CARNEIRO
TIAGO ASSIS
VERA CARMO

Design
MÁRCIA NOVAIS

Tiragem
100 EXEMPLARES
[Edição especial de
30 exemplares com prova
fotográfica]

Impressão
ORGAL

Encadernação
ANA & CARVALHO

Co-edição
i2ADS — Instituto de
Investigação em Arte, Design
e Sociedade — i2ads.up.pt
FBAUP
CICLO — BIENAL DE
FOTOGRAFIA DO PORTO

ISBN
978-989-9049-05-5

Depósito Legal
485280/21

© Todos os direitos reservados. Nenhuma imagem desta publicação pode ser reproduzida sem autorização prévia escrita dos autores e editor.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDP/04395/2020.